

Contos de Fadas

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Edição, introdução e notas:

MARIA TATAR

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges



ZAHAR

Chapeuzinho Vermelho

JACOB E WILHELM GRIMM

CHARLES PERRAULT PUBLICOU a primeira adaptação literária de *Chapeuzinho Vermelho* em 1697, mas poucos pais se dispunham a ler aquela versão do conto para os filhos, pois termina com o “lobo mau” jogando-se sobre Chapeuzinho Vermelho e devorando-a. Na versão dos Grimm, a menina e sua avó são salvas por um caçador, que manda o lobo desta para melhor após efetuar uma cesariana com uma tesoura.

Chapeuzinho Vermelho tem uma trajetória reveladora. Versões antigas, contadas ao pé da lareira ou em tabernas, mostram uma jovem heroína esperta que não precisa se valer de caçadores para escapar do lobo e encontrar seu caminho de volta para casa. Em “A história da avó”, uma versão oral do conto registrada na França no final do século XIX, Chapeuzinho Vermelho faz um *striptease* diante do lobo, para depois terminar a ladainha de perguntas sobre as partes do corpo dele perguntando se pode ir lá fora para se aliviar. O lobo é passado para trás por Chapeuzinho Vermelho, que parece mais uma hábil trapaceira do que uma menina ingênua.

Tanto Perrault quanto os Grimm se empenharam em extirpar os elementos grotescos, obscenos, dos contos originais dos camponeses (em algumas versões, Chapeuzinho Vermelho come os restos do lobo, saboreando a “carne” e o “vinho” na despensa da avó). Reescreveram

os episódios de modo a produzir um conto moralmente edificante que encerra uma série de mensagens sobre a vaidade e a ociosidade. A *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault se “diverte” por um tempo apanhando castanhas, caçando borboletas e colhendo flores, e não é à toa que cai nas mãos de um feroz predador. A *Chapeuzinho Vermelho* dos Grimm (literalmente, “Gorrinho Vermelho”) também apagou todos os vestígios da jocosidade erótica das versões orais e pôs a ação a serviço do ensinamento de lições à criança dentro e fora do livro.

Críticos desta história foram levianos em relação a seus elementos, exibindo ilimitada confiança em suas interpretações. Não há dúvida de que o próprio conto, ao descrever um conflito entre uma protagonista fraca, vulnerável, e um antagonista grande, poderoso, presta-se a certa elasticidade interpretativa. Mas a multiplicidade de interpretações não inspira confiança, alguns críticos vendo na história uma parábola do estupro, outros uma parábola da misantropia, outros ainda um projeto para o desenvolvimento feminino.

Chapeuzinho Vermelho toca em muitas angústias da infância, mas especialmente naquela que os psicanalistas chamam “o medo de ser devorado”. Embora a história de Perrault e o conto dos Grimm possam tomar um rumo violento demais para algumas crianças, para outras essas mesmas histórias terminarão com uma exclamação de prazer e um pedido de bis. E para os que se irritam com a incapacidade de *Chapeuzinho* de perceber que a criatura deitada na cama de sua avó é um lobo, como em Perrault e nos Grimm, as histórias “The Little Girl and the Wolf”, de James Thurber, e “Little Red Riding Hood and the Wolf”, de Roald Dahl, são bons remédios. Na versão de Thurber, aprendemos que um lobo não é mais parecido com a vovó do que o leão da Metro-Goldwyn com Calvin Coolidge, e assistimos à menina tirando uma pistola automática da sua cestinha e matando o lobo a tiros. “Hoje em dia não é mais tão fácil enganar meninas como antigamente”, Thurber conclui na lição moral anexada

ao conto. E a Chapeuzinho Vermelho de Dahl “saca uma pistola de seu bermudão” e, numa questão de semanas, desfila com um “lindo casaco de pele de lobo”.

As adaptações cinematográficas tomam direções diferentes, de *A companhia dos lobos* (1984), baseado numa história de Chapeuzinho Vermelho da autoria da romancista britânica Angela Carter, a *Freeway – Sem saída* (1996), de Matthew Bright, mas exploram infa-
livelmente as dimensões eróticas da história.

Para este primeiro conto, escolhi a versão dos Grimm, mas incluí duas formas variantes no apêndice 1 para demonstrar as diferentes leituras, tanto orais quanto literárias, dadas ao conto. “A história da avó” baseia-se num conto oral registrado na França do século XIX. *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault, publicado no final do século XVII, nos dá uma versão literária de um conto então amplamente disseminado na cultura oral dos contadores de histórias.

Era uma vez uma menina encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho.² Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para frente como uma boa menina e não se desvie do caminho.³ Se não, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrá nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo o que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo.⁴ Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingão de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, senhor Lobo”, ela respondeu.



WALTER CRANE, 1875

Chapeuzinho se despede de sua mãe. A elegância formal das ilustrações de Crane se contrapõe à violência perturbadora da aventura de Chapeuzinho Vermelho na casa da vovó.



HARRY CLARKE, 1922

Uma precavida Chapeuzinho Vermelho traz consigo um guarda-chuva ao caminhar por uma trilha calçada através da mata. O lobo, impressionado com a elegância da menina, observa-a com os dentes à mostra.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dança-



JESSIE WILLCOX SMITH, 1919

A língua do lobo se funde com a capa de Chapeuzinho Vermelho. Caminhando com passo firme (como o lobo), a menina olha com certa apreensão para os dentes afiados, um tanto próximos demais.



MARGARET EVANS PRICE, 1921

Chapeuzinho Vermelho encontra um lobo cuidadoso, que ouve com atenção o que ela tem a dizer. A periferia da aldeia ainda está visível da borda da mata, onde os dois se encontram.



WARWICK GEOBLE, 1923

Chapeuzinho Vermelho não sabe ao certo o que pensar do predador que a fita com um petisco. Orelhas empinadas e língua pendente, este lobo pode não parecer feroz, mas está pronto para dar o bote.



ANÔNIMO

Numa de suas poucas imagens em trajes um tanto formais, Chapeuzinho usa um chapéu, mas nenhuma capa ou manto. O lobo de pernas compridas a olha como se ela fosse uma guloseima.



GUSTAVE DORÉ, 1861

O gato corre para debaixo da cama, e a vovó, cujos óculos e caixa de rapé escorregam pelas cobertas, torna-se a vítima do lobo.



ROSA PETHERICK

A menina ingênua parece desconcertada diante da criatura na cama da avó, mas de maneira alguma aterrorizada. Note que uma das flores caiu no chão enquanto ela observa a face peluda sob a touca de dormir.

vam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a triilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a triilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e, ao entrar

na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”⁵

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor te enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“É para melhor te agarrar!”

“Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.⁶

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador⁷ que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.



ARPAD SCHMIDHAMMER

Flores e cestas espalham-se pelo chão quando o lobo feroz ataca Chapeuzinho Vermelho. Esta cena ilustrou um livro alemão de contos de fadas para crianças.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.⁸ Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas.⁹ Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levava, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”



ARTHUR RACKHAM, 1930

O lobo, de touca de dormir e óculos, parece bom, mas as patas, com suas garras compridas, traem suas péssimas intenções.



GUSTAVE DORÉ, 1861

Chapeuzinho Vermelho parece se dar conta de que a grande touca não pode esconder a identidade de quem a usa. No entanto, não parece nada alarmada e não faz nenhum esforço para saltar da cama.



WALTER CRANE, 1875

O caçador mata o lobo e salva Chapeuzinho Vermelho antes de ela ser devorada.



Há uma história sobre uma outra vez em que Chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo quando ia para a casa da avó, levando-lhe uns bolinhos. O lobo tentou fazê-la desviar-se da trilha, mas Chapeuzinho Vermelho estava alerta e seguiu em frente. Contou à avó que encontrara um lobo e que ele a cumprimentara. Mas tinha olhado para ela de um jeito tão mau que “se não estivéssemos num descampado, teria me devorado inteira”.

“Pois bem”, disse a avó. “Basta trancar a porta e ele não poderá entrar.”

Alguns instantes depois o lobo bateu à porta e gritou: “Abra a porta, vovó. É Chapeuzinho Vermelho, vim lhe trazer uns bolinhos.”

As duas não abriram a boca e se recusaram a atender a porta. Então o espertalhão rodeou a casa algumas vezes e pulou para cima do telhado. Estava planejando esperar até que Chapeuzinho Vermelho fosse para casa. Pretendia rastejar atrás dela e devorá-la na escuridão. Mas a avó descobriu suas intenções. Havia um grande cocho de pedra na frente da casa. A avó

disse à menina: “Pegue este balde, Chapeuzinho Vermelho. Ontem cozinhei umas salsichas. Jogue a água da fervura no cocho.”

Chapeuzinho Vermelho levou vários baldes d’água ao cocho, até deixá-lo completamente cheio. O cheiro daquelas salsichas chegou até as narinas do lobo. Ele esticou tanto o pescoço para farejar e olhar em volta que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar telhado abaixo. Caiu bem dentro do cocho e se afogou. Chapeuzinho Vermelho voltou para casa alegremente e ninguém lhe fez mal algum.